OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

CIVITAS
Revista de Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política

Civitas, Rev. Ciênc. Soc. 26: 1-13, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1984-7289 | ISSN-L: 1519-6089

ARTIGOS

As histórias de vida e a construção social da velhice em uma agência gerontológica: um estudo etnográfico

Historias de vida y construcción social de la vejez en una agencia gerontológica: un estudio etnográfico

The life stories and the social construction of old age in a gerontological agency: an ethnographic study

Felipe Domingues dos Santos[1]
orcid.org/0000-0001-5757-8215
fd_santos@hotmail.com

Recebido em: 21 abr. 2024.
Aprovado em: 15 jun. 2026.
Publicado em: 10 nov. 2026.

Resumo: Neste artigo, procuro analisar o discurso produzido por determinados agentes gerontológicos e as diferentes concepções dos seus frequentadores, na sua maioria, mulheres idosas, sobre o lugar da mulher na família conjugal brasileira. Assim, volto-me para a identificação de alguns aspectos que integram as suas elaborações com vistas a construir um tipo de idoso, denominado "ativo e participativo". O trabalho procura mostrar o choque entre as concepções de "família" dos agentes gerontológicos e das idosas que, segundo aqueles, inviabilizaria, até certo ponto, atingir um dos principais "objetivos do programa", que é promover o engajamento na luta pela conquista dos seus direitos sociais e políticos. Assim, estabelecem-se os vários procedimentos pelos quais buscam mediar à recomposição coletiva do seu passado, a partir da releitura de suas histórias de vida, além de reproduzir, no contexto de certas atividades, as suas condições de "subordinação, dominação e exploração" anteriormente vividas.

Palavras-chave: Histórias de vida. Construção social da velhice. Etnografia. Gênero. Família.

Resumen: En este artículo busco analizar el discurso producido por ciertos agentes gerontológicos y las diferentes concepciones de sus visitantes, en su mayoría mujeres ancianas, sobre el lugar de la mujer en la familia conyugal brasileña. Por ello, paso a identificar algunos aspectos que forman parte de sus elaboraciones con miras a construir un tipo de persona mayor, denominada "activa y participativa". El trabajo busca mostrar el choque entre las concepciones de "familia" de los agentes gerontológicos y las mujeres mayores que, según ellos, imposibilitaría, en cierta medida, alcanzar uno de los principales "objetivos del programa" que es promover el compromiso en la lucha por lograr sus derechos sociales y políticos. Así, se establecen los diversos procedimientos mediante los cuales buscan mediar en la recomposición colectiva de su pasado, a partir de la relectura de sus historias de vida, además de reproducir, en el contexto de determinadas actividades, sus condiciones de "subordinación, dominación". y explotación" experimentado anteriormente.

Palabras clave: Historias de vida. Construcción social de la vejez. Etnografía. Género. Familia.

Abstract: In this article, I seek to analyze the discourse produced by certain gerontological agents and the different conceptions of their participants, mostly elderly women, about the place of women in the Brazilian conjugal family. Therefore, I turn to identifying some aspects that are part of their elaborations with a view to constructing a type of elderly person, called "active and participatory". The work seeks to show the clash between the conceptions of "family" of gerontological agents and elderly women which, according to them, would make it impossible, to a certain extent, to achieve one of the main "objectives of the program" which is to promote engagement in the struggle to achieve their social and political rights. Thus, the various procedures are established through which they seek to mediate the collective recomposition of their past, based on

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

[1] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

the re-reading of their life stories, in addition to reproducing, in the context of certain activities, their previously experienced conditions of "subordination, domination and exploitation".

Keywords: Life stories. Social construction of old age. Ethnography. Gender. Family.

O espaço da pesquisa: objeto, campo empírico e metodologia

Nas sociedades ocidentais modernas, o processo de autonomização da velhice como objeto de saber e intervenção, tanto da área médica quanto das áreas não médicas, resultou no surgimento das agências e agentes que compõem o campo multidisciplinar da geriatria e da gerontologia, especializados no tratamento da velhice.

Esse fenômeno se deu como reflexo decorrente do prolongamento da vida da população em diversos países, expressos em altos índices demográficos; conferindo, assim, visibilidade a esta etapa da vida, nas duas últimas décadas do século 20, por meio da sua mobilização enquanto problema social investido de múltiplas dimensões e que tem impacto sobre diversas instâncias de reprodução da vida social (Santos 2014).

Por um lado, os discursos e as práticas subjacentes a essas disciplinas buscam construir um modelo de velhice associado à produção de sentidos comuns acerca de distintas experiências sociais demarcadas a partir de um eixo classificatório, determinado, simbolicamente, pela idade cronológica. Por outro lado, tais programas disciplinares funcionam como instituições intermediárias (Berger e Luckmann 1998; Velho e Kuschnir 1996), mediadoras entre os indivíduos específicos que fazem parte da sua clientela e entre a visão professada institucionalmente sobre, por exemplo, a posição e o papel que desempenham no mundo do trabalho e nas relações familiares e de parentesco (Santos 2001; 2004; 2008; 2014).

Em tais agências preconiza-se, assim, um processo de reconstrução do passado dos idosos engajados nas atividades ofertadas a partir da noção de família; situando, desse modo, o lugar de onde a intervenção gerontológica é exercida, incidindo sobre a experiência e a memória dos sujeitos envolvidos, na busca por reinterpretá-las sob o viés de categorias de entendimento estranhas aos seus referenciais simbólicos e aos seus modos de vida e que, por um lado, repercutem nos seus processos de subjetivação. Por outro lado, como forma de objetivação desses mesmos processos, os programas gerontológicos estabelecem-se como espaços privilegiados para a criação e a recriação de novos significados acerca da velhice, mas são, também, espaços de confronto de perspectivas.

Desse modo, busca-se, por meio de um aparato institucional e de técnicas específicas, a propagação e a inculcação de um modelo de velhice voltado para a "atividade e a participação" dos seus membros (Paz 1999).

> Uma das mais importantes estratégias dos programas de intervenção gerontológica [. . .] é, justamente, promover uma intensa revisitação da memória individual, utilizando várias técnicas oriundas da psicanálise, da psicologia, da história, da literatura, da sociologia e de diversos outros campos disciplinares. A reconstrução das histórias de vida pelos sujeitos é considerada como um dos mais eficazes instrumentos para a reconstrução de si. Esta operação, entretanto, não se exerce em um vácuo de significados. Ao contrário, confronta-se com significados profundamente sedimentados, gerando uma série de reinterpretações operadas pelos idosos, clientes destas agências (Guedes 2014, 236).

Assim, a criação da gerontologia, nas sociedades ocidentais modernas, recria, no mesmo movimento, cotidianamente, o sujeito idoso a partir da produção de novos valores e sentidos associados à velhice, mediados pela reinterpretação coletiva de experiências individuais. Como parte deste processo de construção social da velhice, inscreve-se a produção da categoria "terceira idade", que ressignifica esta etapa da vida a partir de um eixo cronológico (Barros 2006), estabelecido contra o pano de fundo de uma velhice considerada "inativa, improdutiva e desassistida", demarcada pela entrada dos idosos no sistema previdenciário como "aposentados" (Debert 1999).

Mas, se, por um lado, as agências ligadas à geriatria e à gerontologia buscam disponibilizar, para a sua clientela, um conjunto diversificado de saberes acadêmicos, pois configuram um campo

multidisciplinar de domínios abertos – capazes de incorporar distintas perspectivas sobre o processo de envelhecimento vigente nas sociedades ocidentais modernas, que se propõe a operar a transformação das formas de concepção e atuação dos idosos –, por outro lado, assiste-se, em decorrência, a um fenômeno em que um marco etário, demarcado cronologicamente a partir dos 60 ou 65 anos, é tomado como a passagem para uma etapa determinada do ciclo de vida, pensado como universalmente presente.

Dessa forma, a geriatria é predominantemente infletida pela hegemonia do olhar médico na sua concepção multidisciplinar; enquanto a gerontologia, por sua vez, busca ampliar tal reflexão, originada no interior da clínica médica (Gomes 1994), atingindo uma dimensão totalizante sobre o processo de envelhecimento, pois conta, em sua formação, com profissionais oriundos de diversas disciplinas acadêmicas, tanto da área médica, como de áreas não médicas.

> A par das grandes dificuldades conceituais e, principalmente, metodológicas que um campo que se define como multidisciplinar enfrenta, há uma apropriação naturalizada dos aspectos sociais nas práticas, centrada, em especial nas asserções de que a pessoa idosa é socialmente excluída na sociedade atual, voltada para a produção, porque é considerada improdutiva e de que a família nuclear, o padrão nesta sociedade, reproduz esta exclusão em sua organização interna (Guedes 2000, 75).

A trajetória institucional do programa gerontológico tomado como campo empírico nesta pesquisa, que levou a sua inserção na Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a égide da Escola de Serviço Social, acarretou, inevitavelmente, a ampliação da forma de recrutamento de sua clientela, visto que lá atuam profissionais de diversos departamentos ligados a esta universidade; porém, na sua maioria, assistentes sociais, inclusive, alunos de graduação deste curso, atuam como estagiários.

> O seu foco básico é a construção da cidadania do idoso, investindo num amplo programa pedagógico centrado no incentivo à conquista de direitos políticos e sociais. Embora incorporando uma série de atividades comuns a todos os programas gerontológicos que visam, por exemplo, a promoção de determinados cuidados com a saúde, é a participação sociopolítica dos idosos o objetivo principal. Este programa se realiza num espaço especialmente destinado a ele, num dos campi da UFF, espaço no qual têm lugar as diversas atividades através das quais se operacionaliza (oficina de memória, oficina de texto, terapia de grupo, dança sênior, ginástica sênior, palestras, festas etc.) (Guedes 2014, 239).

Ao longo do seu processo de constituição, o Espaço Avançado da UFF (Uffespa) passou por diferentes formatos e lugares, desde o Clube Gragoatá, em Niterói/RJ, onde funcionava de forma um tanto precária, com a oferta de somente duas atividades: as palestras sobre "direitos dos idosos", ministrada por um assistente social, professor do curso de Serviço Social da UFF, e os exercícios de ginástica, orientados por uma professora de educação física, para cerca de dez idosos – ambos atuavam como "voluntários" nesta agência.

Segundo a atual coordenadora, a dificuldade para se estabelecer a continuidade do programa neste espaço era frequente. Assim, por exemplo, muitas vezes, nos dias e horários acertados para o seu funcionamento, as atividades habituais de esporte e lazer ofertadas pelo clube estavam suspensas. Por conseguinte, não havia funcionários para abrir o portão de acesso, impossibilitando-os de se reunirem.

A essa época, outubro de 1993, devido a sua pequena infraestrutura, esta agência não contava com recursos suficientes para viabilizar a contratação de especialistas e assistentes sociais para o aprimoramento quantitativo e qualitativo de suas propostas. Até que, em março de 1994, por intermédio do professor do curso de Serviço Social da UFF anteriormente mencionado, então coordenador do programa, foi estabelecido, nas suas palavras, uma "parceria" com uma gerontóloga ligada ao Hospital Universitário Antônio Pedro da UFF, que trabalhava no local conhecido como "Mequinho", e com uma assistente social, funcionária técnico-administrativa, vinculada ao departamento de Serviço Social da UFF, por meio do seu Programa de Bolsas de Extensão.

A partir deste momento, então, esta agência foi transferida para uma ampla sala, no pavimento

térreo do bloco E, onde está localizada a Escola de Serviço Social da UFF, na Rua Alexandre Moura, n. 8, São Domingos, Campus do Gragoatá Niterói/RJ, no intuito de implementar um "núcleo de estudo do envelhecimento". Lá, são ofertadas, gratuitamente, oficinas e diversas atividades, de segunda à sexta-feira, das 13h às 17h.

Neste novo local, os idosos, conforme a sua escolha, podem realizar diversas atividades, desde exercícios físicos até a sua participação nas oficinas e cursos, tais como: oficina de psicologia, oficina de arteterapia, oficina de teatro, oficina de texto, oficina de musicalidade, oficina de memória, curso livre de espanhol, curso livre de italiano, curso de leitura da arte, dança sênior, bingos, palestras, seminários, conferências, encontros e festas comemorativas, voltadas para o lazer das suas frequentadoras, na maioria mulheres idosas.

Desse modo, basta os inscritos no programa apresentarem-se nos dias e horários previamente agendados para determinada atividade. Eventualmente, nas ocasiões festivas, o grupo também conta com a presença de alguns dos seus familiares, como maridos, filhos e netos, por exemplo.

Em um primeiro momento, após a mudança, 64 idosos se inscreveram no programa e a frequência média diária passou a girar em torno de 30 idosos: 50% de Niterói, 30% de São Gonçalo, 10% da cidade do Rio de Janeiro e 10% distribuídos entre as regiões de Maricá, Magé e Itaboraí (Alvarenga 2001). O processo que levou à ampliação do programa a partir da sua institucionalização no espaço universitário, quando foi reorganizado sob um novo formato, viabilizou, além da ampla sala ofertada pelo instituto no andar térreo do bloco E da Escola de Serviço Social, algumas salas de aula no mesmo prédio que também são utilizadas para a realização de certas oficinas e demais atividades.

Segundo os seus membros fundadores, a nova localização institucional e a sua proposta enquanto "projeto de extensão interdepartamental" ampliou as oportunidades de ofertar maior número de atividades – mobilizando mais recursos materiais e simbólicos, além de profissionais ligados a diferentes departamentos da UFF para lá remanejados –, assim como "voluntários" ou estagiários recrutados para atuar nas oficinas e nos cursos, atraindo uma ampla e diversificada clientela, conforme os seus diferentes interesses na aquisição de um "novo aprendizado".

Segundo a coordenadora do grupo:

> De 1994 até hoje, passaram pelo programa mais de 1000 idosos e, atualmente, conta com 350 pessoas cadastradas. A frequência média diária é de 50 idosos distribuídos nas oficinas e atividades e 150 em festas e eventos. Desses idosos, 60% são provenientes de Niterói, 30% de São Gonçalo e 10% de regiões adjacentes (Alvarenga 2001, 20).

Em vista da grande flutuação de idosos, dentre outras razões, não foi possível construir dados estatísticos sistemáticos e precisos. No entanto, conforme observa Guedes (2014, 239), ao tratar deste programa, percebe-se que:

> Alguns dados disponíveis indicam que a clientela se constitui majoritariamente de mulheres (70% a 80%). Há, igualmente, diversos indicadores, como a profissão e o rendimento, que apontam para o fato de ser a clientela desses programas, basicamente, oriunda dos segmentos mais estabilizados da classe trabalhadora.

Neste contexto, a minha inserção como etnógrafo resultou no acompanhamento das oficinas, cursos, palestras, encontros, festas, seminários e das ocorrências da sua vida diária no local. Frequentei este espaço cerca de duas a três vezes por semana, durante um ano; registrei em diários de campo os seus desempenhos nas atividades no grupo através de observação-participante e fiz anotações de conversas regulares mantidas tanto com as idosas como com os profissionais que lá atuam. Nesse período, além de ter realizado entrevistas "não diretivas" (Michelat 1982), gravadas com as idosas sobre suas histórias de vida (Becker 1994; Bourdieu 1996), também elaborei roteiros de entrevistas semiestruturadas utilizados com os agentes gerontológicos.

Assim que cheguei ao local da pesquisa pela primeira vez, na sala do pavimento térreo do prédio onde está situada a Escola de Serviço Social da UFF, procurei pela coordenadora do programa em questão, assistente social ligada ao Depar-

tamento de Serviço Social da UFF. Logo após a minha apresentação formal, conversamos acerca do meu projeto de pesquisa em antropologia e do meu interesse em realizar um trabalho de campo nesta agência gerontológica – o que ela aceita de imediato, com bastante entusiasmo, dispondo-se a ajudar no que for preciso.

Nesta ocasião, ela também me coloca em contato com determinados agentes que orientam algumas das diversas atividades no local, tais como: uma professora de educação física que oferece aulas de ginástica para a "terceira idade", uma estagiária do curso de serviço social da UFF, mediadora da atividade denominada oficina de texto, e uma professora de teatro que também atuava como "voluntária" nesta agência.

Todas se mostram bastante solícitas e interessadas em contribuir com a minha pesquisa, concedendo-me entrevistas, conversando comigo e permitindo a minha participação nas oficinas. As idosas que frequentam o espaço aguardam o início de um jogo de bingo, tal como ocorre uma vez ao mês. A coordenadora do programa está de pé em cima de um palco montado na sala do pavimento térreo do bloco E, atrás de duas mesas redondas de plástico branco, segurando um microfone, enquanto se dirige à plateia de cerca de cinquenta idosas que se acomodam, aos poucos, nas muitas cadeiras plásticas dispostas no espaço onde se realiza este programa gerontológico.

Desse modo, aproximo-me de algumas delas, por vez, e inicio uma conversa; exponho-lhes brevemente a ideia da pesquisa que estou a desenvolver e lhes digo que pretendo escrever um trabalho de cunho acadêmico na área de antropologia. Para tal, peço a sua colaboração. A partir de então, todas as idosas fazem questão de ser entrevistadas e me cobram regularmente até ser solicitadas para este fim. Embora algumas, inevitavelmente, tenham ficado de fora da amostra selecionada para a pesquisa, há também aquelas que, mesmo tendo sido entrevistadas, pedem continuamente para refazê-las, no intuito de acrescentar novas dimensões ou mesmo para ter a chance de repensar suas trajetórias, o que não pôde ser feito.

As idosas narram horas a fio as suas histórias de vida, repetindo, muitas vezes, incansavelmente, situações e eventos que ocorreram nas suas famílias, redes de parentesco e vizinhança, locais de trabalho, enfim, e que as marcaram significativamente, até que as entrevistas atingem seu ponto de saturação e são encerradas. Mas, se é por meio da valorização da experiência de vida pelos mais velhos que é produzida a reinterpretação do passado à luz do presente como parte de um processo de construção social da memória, ele resulta das relações sociais vivenciadas em distintos contextos considerados socialmente significativos, conforme as diferentes perspectivas dos atores envolvidos (Barros 2006, 2013).

Esta análise reside sobre as diferentes concepções de agentes gerontológicos e idosos sobre a família conjugal brasileira e a revisão empreendida das suas relações matrimoniais, em vista do lugar ocupado pelas frequentadoras no espaço doméstico, com base na divisão sexual do trabalho, segundo mediação dos profissionais que lá atuam na construção de novos sujeitos.

Nesta pesquisa, o material empírico foi produzido e coletado tanto nas conversas e entrevistas, como durante a observação do cotidiano das idosas, principalmente em algumas das atividades selecionadas e registradas em diários de campo, tais como palestras, seminários, além das oficinas de texto, de teatro e de memória, de acordo com as temáticas desenvolvidas em cada uma delas e com a forma como se articulam em função dos objetivos dos agentes gerontológicos.

Neste sentido, volto-me para a identificação de alguns aspectos que integram as suas elaborações com vistas à construção de um tipo de idoso denominado "ativo e participativo", conforme o modelo de velhice por eles preconizado, procurando mobilizá-los sob condições específicas dentro deste espaço para, segundo a coordenadora do programa, "promover o engajamento na luta para reverter a sua situação na sociedade por meio da conscientização político-social dos seus membros" no âmbito das palestras, oficinas e demais atividades que lá ocorrem.

Ao mesmo tempo, procuro avaliar a releitura

que as idosas, que constituem a maioria das frequentadoras deste espaço social, fazem de suas histórias de vida (Becker 1994; Bourdieu 1996), considerando a mediação exercida pelos agentes gerontológicos na recomposição do seu processo de socialização na "família conjugal brasileira" e a posição supostamente "subordinada" que nela ocupam em relação ao sexo masculino, caracterizada pela condição de "opressão" e "exploração" (Santos 2001, 2004).

Desse modo, os agentes gerontológicos apresentam-lhes um discurso e um código comum para reverem e repensarem alguns aspectos de suas trajetórias e de suas relações sociais que envolvem pessoas e contextos distintos, "articulados em diferentes planos e níveis de realidade socialmente construídos", por onde tais atores transitam e interagem cotidianamente, atualizando o seu "potencial de metamorfose, distribuído desigualmente por toda a sociedade" (Velho 1994, 29). Ainda assim, não levam em conta a especificidade dos seus processos de inserção em cada um desses diferentes contextos, bem como as suas diversas realizações e totalizações materiais e simbólicas.

Gênero, família e construção social da velhice

O processo de construção social da velhice é um dos principais pressupostos que orientam as elaborações da equipe do programa, composta predominantemente por assistentes sociais ligados à Escola de Serviço Social da UFF, mas com formação em Gerontologia, como é o caso do seu membro fundador, professor nesta instituição, e da coordenadora das atividades no Uffespa, local onde se realiza esta pesquisa.

Além deles, há também os "voluntários" e os "estagiários" não só do curso de Serviço Social (embora predominem), mas de diversos departamentos desta universidade, como Letras, Educação Física, Psicologia, por exemplo, interessados nas questões ligadas ao envelhecimento e que desenvolvem projetos de pesquisa sob esta rubrica nas suas respectivas áreas de conhecimento.

Segundo a coordenadora deste espaço, a forma privilegiada de recrutamento de profissionais para lá atuar se dá por meio do seu remanejamento de outros departamentos vinculados a esta universidade. Os agentes gerontológicos consideram que assim é garantida a sua permanência no programa de forma mais regular na orientação das oficinas e demais atividades – ao contrário do que acontece no caso dos "voluntários", que, apesar de cumprirem um papel importante na manutenção e na reprodução do grupo, precisam dispor de parte do seu tempo em empregos que lhes provém o sustento e, com isso, a sua participação torna-se mais flutuante.

Conforme diz uma das orientadoras da oficina de teatro:

> O que eu lamento, assim, é a ausência, às vezes, de alguns profissionais, que não por vontade, é claro, mas por impedimento de outros companheiros, que tem gente que trabalha aqui como voluntário, né, você sabe disso. Não tem vínculo com a UFF nem nada. Então, por compromissos profissionais outros, não podem comparecer, por mais que a gente esteja fazendo horário que possa atender a equipe. Eu acho que se essa equipe tivesse realmente encontros mais sistemáticos, eu acho que o trabalho aqui seria melhor.

Enquanto, para a coordenadora da agência, a oscilação de profissionais também ocorre porque "a Proex (Programa de Bolsas de Extensão) não tem como remunerar os que se dispõem a colaborar no atendimento das demandas do pessoal que procura este tipo de serviço". Nas suas palavras: "à medida que o profissional vem e se dispõe a fazer esse tipo de trabalho, como a gente não tem recurso e o projeto dele tendo a ver com o que a gente desenvolve aqui, a gente acaba aceitando, né, apesar de ser uma situação complicada".

Assim, conforme seu relato, "todos os que se prestam a cooperar com o quadro regular de funcionários são admitidos", desde que as suas propostas sejam avaliadas previamente pela equipe multidisciplinar; o que pode resultar em aceitação imediata ou em adaptações desses trabalhos, de modo que eles se ajustem aos preceitos seguidos pelos agentes do Serviço Social.

Desse modo, conforme suas concepções, em conferência pronunciada por ocasião da Semana do Idoso, por exemplo, um dos principais funda-

dores e ex-coordenador do Uffespa denuncia as precárias condições em que os idosos pertencentes a um segmento social de baixa renda vivem, associando o envelhecimento ao empobrecimento, decorrente do seu processo de inserção como aposentados – dependentes, portanto, dos baixos salários pagos pelo Serviço de Previdência Social (INSS). Seguindo seu discurso, ele nos diz que, no setor mais pobre, a maioria das famílias é sustentada pelos idosos e, por isso, os faz sofrer pressões e violações.

No mesmo encontro, a supervisora de Serviço Social do INSS nos fala sobre o benefício assistencial de amparo ao idoso que visa à concessão de um salário-mínimo para aqueles que ganham até um quarto do seu valor correspondente, destacando o processo de exclusão tanto dos idosos aposentados, como dos que ainda participam ativamente do mercado de trabalho, mas que não podem mais contribuir com a previdência, perdendo seus direitos.

Assim, busca-se, numa "rearticulação do seu papel como contribuinte", a "inversão" do quadro social em favor dos excluídos, fazendo-lhes "perceberem e refletirem sobre o processo participativo, e apreender os mecanismos de exploração, dominação e exclusão que se efetuam na sociedade" (Paz 1999 , 31). De acordo com isso, o Uffespa é organizado segundo um modelo fortemente infletido por aspectos políticos em suas elaborações. Desse modo, segundo os agentes, os objetivos do programa devem prevalecer sobre os objetivos dos idosos, visto que pretendem "reverter a sua 'situação social'", enquanto as atividades de ginástica, de cultura e de lazer constituem meros atrativos para o ingresso no local.

Nas palavras da coordenadora do Uffespa:

> Então algumas coisas têm uns limites institucionais, isso aqui não é um grupo, que elas fizeram, associaram fora, a gente tem um compromisso com a instituição. Então na medida em que a gente tem a limitação, né, que elas têm principalmente, porque a gente tá num projeto que a gente acredita, dentro do objetivo que a gente acredita.

É claro que as diferenças de interesse entre a equipe do programa e as suas frequentadoras acarretam conflitos que os agentes procuram resolver "disciplinando a sede de participar dos idosos", conforme diz a coordenadora, ao "ajustar" aquilo que as pessoas desejam e o que eles se propõem a realizar como parte dos "objetivos do projeto".

> Às vezes tem conflito com algumas coisas que a gente que trabalha com cidadania sabe que acontece, e é contra os objetivos do projeto, que a gente tem um projeto com objetivos, né. Então, às vezes algumas coisas que elas trazem que são contra a questão do objetivo do projeto, até do compromisso público que a gente tem com a Universidade e tudo, que a gente discute amplamente isso em grupo, e até já deixamos algumas vezes, quer dizer, deixamos é um termo complicado, mas, a gente já fez a experiência de que elas fizessem o que elas queriam, mesmo elas sendo contra ao que a gente acreditava.

Desse modo, conforme ela diz, os profissionais nesta agência buscam "traduzir" alguns elementos provenientes do discurso dos idosos, entendido como "revolta" àquilo que eles, muitas vezes, vivenciam de diversas maneiras no seu dia a dia – para os interventores, os conflitos atravessados, nesses casos, são uma "questão política". Entretanto, essa premissa encontra forte resistência para ser internalizada pelas idosas que frequentam o programa.

Segundo a atual coordenadora do grupo:

> Agora, a gente vê que algumas pessoas já vêm né, com a revolta, por exemplo, com a questão. (...) É porque eu acho também que um pouco não se sabe traduzir muito bem a demanda. Às vezes, a pessoa vem aqui e tá revoltada com o filho que tá desempregado e tá revoltada com o tratamento que o motorista de ônibus está dando no transporte e revoltada com o preço do supermercado, e isso é uma questão política. Só que a pessoa coloca como se isso fosse uma questão pessoal, né, a relação dela com o supermercado dela, com o motorista.

A maioria das frequentadoras do programa são mulheres, viúvas, donas de casa, aposentadas ou pensionistas que buscam uma alternativa de lazer para os compromissos da sua vida diária. Algumas poucas ainda trabalham informalmente de maneira esporádica, como costureiras, por exemplo, no intuito de complementar a renda de aposentadorias e pensões e, assim, também ajudar os filhos e netos.

Apesar de a motivação das idosas para ingressarem neste espaço advir da atração que exercem sobre elas as diferentes oficinas, os agentes imprimem um sentido específico a tais atividades, ao proporem uma revisão dos significados atribuídos as suas relações familiares e de parentesco. Nesse sentido, os agentes gerontológicos buscam selecionar, nas diferentes oficinas, algumas situações que tenham marcado significativamente as suas histórias de vida para as transformarem e reproduzirem, elaborando uma visão conjunta do passado sob a ótica do presente, apontando, por exemplo, para a posição "subordinada" da mulher na família conjugal brasileira, enfocando, na maioria das vezes, seu caráter de "submissão aos homens".

Assim ocorre, por exemplo, nas oficinas de texto, de teatro e de memória, que são orientadas por profissionais distintos: uma estagiária do curso de Serviço Social da UFF, uma professora de teatro, que atua como voluntária, e a própria assistente social que coordena o programa, respectivamente..

A oficina de teatro é uma das atividades mais procuradas pelas frequentadoras deste espaço. As aulas estão sempre cheias, contando com a presença de cerca de 20 a 30 idosas, tanto nos ensaios, como nas apresentações para o grupo. Lúcia,[2] idosa de 68 anos, moradora do bairro Fonseca em Niterói, viúva, pensionista e dona de casa, que "nunca trabalhou", certa vez, disse-me que o que a levou ao Uffespa foi a possibilidade de "realizar um antigo sonho", que era o de aprender a representar. Apesar disso, considera que lá o seu aprendizado é apenas "superficial" e manifesta o desejo de, futuramente, aperfeiçoar o seu trabalho de atriz.

Quando, pela primeira vez, uma das suas amigas a convidou para assistir gratuitamente às aulas de teatro neste local, ela aceitou de pronto e daí começou também a frequentar todas as outras diversas atividades nesta agência. As idosas, dada a importância que atribuem a esta oficina, também disputam o papel de protagonista e o status de "melhor atriz" do grupo; o que, às vezes, implica a necessidade de intervenção da professora de teatro para mediar os conflitos, nestes casos.

A oficina de teatro funciona da seguinte maneira: as idosas se reúnem na sala do prédio de Serviço Social da UFF cedida para a realização desta agência e cada uma sugere um enredo para ser encenado, baseado em algum aspecto de suas histórias de vida considerado comum a todas; após um debate, a escolha é feita por votação. Tal é o caso de um episódio de "brigas e discussões" que Lúcia teve com seu marido e que a professora de teatro considera apto ao ensaio de uma das peças.

Contudo, ela concede o papel de protagonista a Rafaela, idosa de setenta anos de idade, viúva, moradora de Icaraí, em Niterói, e que, segundo disse-me Lúcia, era aluna de uma escola de teatro, destacando-se, assim, das demais neste contexto. Isso acirra ainda mais um conflito que já existia entre ambas pelo status de melhor atriz do grupo. Além disso, conforme disse, era parte de sua história pessoal que seria representada por alguém que dela não fez parte, o que, na sua visão, não legitimava a escolha da professora. Com o rebuliço causado pela situação, as idosas a apoiaram considerando que a professora agiu injustamente em relação a ela.

Algumas se mobilizaram em prol de Lúcia, chegando a oferecê-la o seu papel, pois ela não só não foi escolhida como protagonista, como ficou com um papel "bem pequeno" no contexto da peça. Na opinião das idosas, Rafaela, a quem foi dado o papel principal, era vista como uma pessoa "autoritária", ou seja, todos "deveriam estar sujeitos à sua vontade", inclusive a professora de teatro que, segundo elas, "parecia obedecer à líder do grupo".

[2] Nome fictício. A pesquisa observou os princípios éticos relativos à pesquisa com seres humanos, garantindo anonimato das participantes e consentimento para realização das entrevistas e observações etnográficas.

Mas, conforme me disse a professora de teatro em uma ocasião posterior quando conversávamos sobre o assunto antes do início de uma entrevista, "as idosas têm que resolver esse problema entre si", pois o fato de uma delas ter proposto um acontecimento de sua vida particular para ser encenado não legitimava a reivindicação do seu papel como protagonista. Para a professora, o questionamento de Lúcia era descabido, já que, nas suas palavras, outras idosas lá vivenciaram "situações semelhantes" em certos momentos de suas trajetórias de vida.

Desse modo, a tematização da submissão feminina como uma vivência típica nos seus casamentos é representada, por exemplo, em uma das oficinas de teatro quando ensaiam o papel de "antigas clientes de uma costureira que passa a receber ordens do marido para entregar suas encomendas somente mediante pagamento no ato da entrega", sem ser fiado, de forma que não fiquem lhe devendo. A protagonista, no caso, fica dividida entre atender as clientes, sem o dinheiro para pagar as encomendas naquele momento, ou atender a "exigência" do marido. Ao final, a idosa que representa a costureira opta por "obedecê-lo".

No contexto de outra peça, em uma das oficinas de teatro, as idosas, então, representam o papel de mulheres viúvas e que são vizinhas de bairro. Certa vez, elas estão reunidas à casa de uma delas e se relembram dos seus maridos como "homens exigentes e sovinas". Elas se expressam com indignação, quando, por exemplo, os consideram, retrospectivamente, sujeitos "ingratos" que se negavam a "ajudá-las" no desempenho dos seus afazeres domésticos, comprando-lhes uma máquina de lavar roupas. "E, ainda assim, continuavam a levar adiante as suas exigências". Na sequência, após compartilharem as suas reclamações sobre o comportamento dos maridos e se aliviarem com a sua morte, dando-lhe graças a Deus, elas reservam-lhes que "Deus os tenha". Os agentes, assim, elaboram, em seus discursos, o pressuposto da "libertação na viuvez", a partir da constituição de um olhar retrospectivo sobre os seus relacionamentos conjugais.

Nesta agência, por meio da utilização de técnicas específicas, é articulado o trabalho realizado nas diferentes atividades selecionadas a partir de uma temática comum, como uma das formas de recompor coletivamente as suas distintas histórias de vida e de as transformar em uma única experiência.

> Uma das vias principais para a consecução desses objetivos é um intenso trabalho que se realiza sobre a memória de cada um, socializando determinadas experiências selecionadas e produzindo reinterpretações sobre o passado individual (Guedes 2014, 239).

É assim que na oficina de memória, por exemplo, que se realiza em uma das salas de aula do prédio do curso de Serviço Social, estão reunidas cerca de vinte idosas, e a assistente social que coordena o programa põe em pauta um tema para que, sob a sua mediação, elas acrescentem, no decorrer da atividade, lembranças significativas de suas experiências de vida que possam servir para a construção de uma memória coletiva. Nesse sentido, um dos procedimentos adotados nesta oficina consiste em fazê-las se relembrar de algum "acontecimento particular" que tenha marcado significativamente sua vida individual, mas que esteja "associado a um fato histórico investido de importância nacional ou internacional".

Desse modo, a reapreensão de vivências passadas associadas à lembrança dos "fatos históricos" é hierarquizada com os "acontecimentos particulares" das suas histórias de vida, desvalorizando-os em relação àqueles, de conhecimento geral. Nesse contexto, as idosas são levadas a elaborar respostas ao questionamento da mediadora: "Existe escravidão nos dias de hoje?". Elas, então, dizem que, ao contrário do que acontecia antigamente, "hoje, a escravidão se dá sem o uso de correntes". A agente em questão pede exemplos, e as idosas mencionam "maridos que escravizam as esposas".

Assim, uma delas diz, ao avaliar retrospectivamente o seu passado, que foi esse o seu caso, pois só com a morte do marido ela veio a "conhecer muitas coisas". Enquanto outra idosa diz ter sido "escrava" do seu marido por muitos anos, já que "não podia cortar o cabelo, ir à mercearia, usar saia justa" e "apesar de ter morado dezesseis anos

em Aracaju, nunca conheceu o centro da cidade".

Consuelo, ao se posicionar a respeito, reavalia certos aspectos de sua história de vida centrada no casamento e diz que "adorava coser", mas, quando seu marido chegava à casa após um dia de trabalho e a via costurando, pegava tudo o que ela tinha feito e jogava janela afora. Ela, então, tinha que esperar que ele saísse de perto para "apanhar de volta as suas costuras". "Sua vida nunca foi fácil, mas ela sempre foi alegre".

Em determinadas situações, o seu marido a xingava de vagabunda, dizia que ela tinha amantes e que dava bola para outros homens na rua – principalmente, quando ele tentava se esquivar das suas acusações a respeito dele manter casos extraconjugais. Ela, então, lhe sorria e lhe dizia que "foi o único homem que ela conheceu desde os quinze anos de idade e com quem teve dez filhos".

Essas discussões eram acompanhadas de brigas, e ele sempre batia em Consuelo; referindo-se aos "espancamentos" que sofria em uma história matrimonial marcada, segundo ela, por "empurrões, olho roxo e sangue". Certa vez, em uma consulta espírita, Consuelo descobriu uma amante do seu marido que tinha apenas quinze anos de idade. A médium sugeriu, na ocasião, que ela lhe falasse a respeito de forma discreta, mas a idosa disse que não podia, senão apanharia. Ainda assim, a vidente a aconselhou a "pensar firmemente nela" quando falasse com ele. Mais tarde, no mesmo dia, assim que chegou à casa, seu marido ouviu uma provocação de Consuelo. Ele, então, partiu para cima dela a fim de agredi-la. Sem esperar tomar tal atitude, a idosa revidou todos os golpes que recebera, mas "consciente de que não foi ela, mas de que bateram por ela".

Contudo, houve uma segunda vez, que "teve que ser pra valer". Após sair em um bate-boca com seu marido em defesa de um dos filhos, ela "precisou tirar a prova dos nove" e, daí em diante, "ele nunca mais a bateu". Após o relato, a assistente social que coordena as atividades no Uffespa pergunta-lhe, sorridente, se seu marido "ainda está vivo". Consuelo, então, olha para o alto, levanta as mãos, volta-se para ela, sorri e responde: "Graças a Deus, não".

Dessa forma, tanto a oficina de memória como a oficina de teatro caracterizam-se por selecionar coletivamente, sob a mediação dos agentes gerontológicos, alguns aspectos das histórias de vida das idosas considerados suficientemente interessantes e significativos para serem retidos em suas memórias e reproduzidos no contexto dessas atividades, produzindo uma visão conjunta do passado a partir do presente.

No entanto, Lúcia, no contexto de uma das oficinas, diz-se "machista por gostar de ser dominada". Ela assume esse olhar, retrospectivamente, conforme seu relato, a partir da "infância" e da "educação recebida dos seus pais que a tornou submissa". Segundo ela, também durante o casamento, "procurou atender a todas as exigências do marido". Sempre que desejava fazer algo, Lúcia pedia-lhe "permissão" e diz que "gosta de homens que decidam por ela".

Assim, pude notar, em diversas atividades acompanhadas, a ênfase dada no discurso da equipe do programa em um enfoque "libertador" das mulheres (idosas) de sua condição de "subordinação, exploração e dominação". Particularmente, no âmbito da "família conjugal brasileira". Porém, isso ocorre em detrimento da diversidade de suas trajetórias sociofamiliares e do modo como diferentes atitudes e comportamentos são percebidos e atualizados por um dos membros do casal, fornecendo-lhe uma visão retrospectiva da época em que adquiriu seu vínculo matrimonial e da vivência conjugal como um período em que, supostamente, sua "liberdade era tolhida por seu marido", o que explicita todo um "campo de possibilidades" de jogos de papéis e de identidades que não estão situados em um único plano ou nível de realidade socialmente construído (Velho 1994).

Por um lado, a família conjugal emerge como a instância prioritária da identificação feminina para determinados segmentos na sociedade brasileira, de modo que, mesmo quando desempenham atividades remuneradas fora de casa, "as mulheres tendem a persistir localizando nesse núcleo sua identidade principal" (Salem 1981, 51). Por outro lado, há, no Brasil, diversos tipos familiares que podem ser situados em função da sua posição na

estrutura social e implicam diferentes modos de organização e de atuação nos grupos domésticos (Da Matta 1987; Santos 2008, 2014; Sarti 1996).

Assim, as idosas, no âmbito das atividades do grupo, atribuem um sentido oposto e hierarquizado à relação entre os sexos, conferindo valores distintos às atividades masculinas e femininas, pois o trabalho feminino fora do espaço doméstico cumpre, em muitos casos, uma função provisória e suplementar. Na maioria das vezes, realiza-se quando a família atravessa dificuldades de sobrevivência devido ao desemprego de seus pais ou maridos, o que, por sua vez, reforça e amplia os laços de dependência da mulher às figuras masculinas de sua família, visto que ainda lhes delegam o apoio emocional e moral que esperam (Salem 1981; Sarti 1996).

Na reavaliação que as idosas fazem das suas histórias de vida, o casamento é visto como um dos principais fatores motivacionais que as levaram ao "resgate" da sua "infância" e "mocidade", configurando uma "estratégia" para se desvincularem das suas famílias de origem, já que se encontravam impossibilitadas de estudar e de realizar outras atividades consideradas mais apropriadas a essas fases da vida, devido à necessidade de trabalhar e de contribuir com o orçamento doméstico (Salem 1981; Sarti 1996).

Como diz Vera, idosa de 68 anos, moradora de São Gonçalo, Niterói:

> Tinha 7 anos quando perdi minha mãe. Aí fiquei [na mão] de madrasta pra lá e pra cá. Pouco estudei porque ela também não ligava muito, né. Aí depois melhorei um pouco. Quando fiquei mocinha que melhorei mais. Aí dava pra eu ir à baile, pra eu ir à praia, mas, no princípio, minha infância foi muito ruim, muito ruim mesmo. Só depois que eu fiquei mocinha, aí arranjei um rapaz que hoje em dia é meu marido, é pai, é tudo pra mim. Mas, no princípio, minha infância não foi nada boa. Minha infância era trabalhar pros outros.

No casamento, por meio dos homens, através do cumprimento do papel de provedor, estão depositadas todas as suas expectativas de "conhecer coisas novas" para as quais não tiveram tempo ou oportunidade, anteriormente. Em parte, devido à carga de trabalho a que estavam submetidas e à baixa recompensa salarial que não lhes proporcionava o consumo de determinados bens e serviços, além do controle exercido sobre a sua sexualidade por parte dos seus pais ou responsáveis e que agora delegam para seus maridos (Salem 1981; Sarti 1996; Woortmann 1987).

Portanto, a "libertação na viuvez" que está atrelada às visões produzidas pelos agentes gerontológicos sobre os relacionamentos matrimoniais das idosas, bem como de seus maridos como "vilões", não corresponde efetivamente ao modo como elas os percebem ou os percebiam – principalmente para quem, como elas, diz que "começa a viver depois do casamento".

Conclusões

A agência gerontológica tomada como parte desta análise, na tentativa de criar um tipo de idoso "ativo e participativo" na busca pela conquista dos seus "direitos sociais e políticos", faz com que os seus membros reflitam e repensem sobre certos aspectos de suas histórias de vida que não condizem totalmente com a sua visão sobre a "família conjugal brasileira" e seus vínculos matrimoniais.

Os elementos utilizados pelos agentes gerontológicos para a reavaliação das histórias de vida das idosas, particularmente centradas nas suas relações de gênero e nas relações pais-filhos, "provoca uma série de considerações sobre a submissão feminina, nova chave para a leitura das experiências pregressas da maioria das mulheres" (Guedes 2014, 244).

> Vidas minuciosamente dissecadas nas inúmeras atividades que trabalham com a memória e recuperam experiências passadas, fornecendo novas lentes para sua leitura, cristalizam-se em histórias de vida que também se apresentam, agora, sob a forma permanente do contraste entre as dificuldades e insucessos do passado e a nova pessoa mais ativa, participante e segura do presente (Guedes 2014, 245).

Há, portanto, um choque entre as concepções dos agentes gerontológicos e das idosas que frequentam o programa, já que ambos operam com princípios simbólicos distintos; pois, as idosas reinterpretam algumas categorias do discurso

acadêmico a partir de referenciais socioculturais diferentes daqueles que informam as especialidades que compõem o campo multidisciplinar designado para a gerontologia, voltado para a intervenção no seu objeto.

Isso inviabiliza atingir o que os agentes gerontológicos consideram como seus principais "objetivos", porque o intento das idosas que procuram esta agência é de se entreter. Mas, logo que se inserem neste espaço, elas, na sua maioria, têm que lidar com uma série de questionamentos sobre as suas relações familiares e de parentesco, até então impensados.

> Se, por um lado, [os agentes gerontológicos] fornecem novas lentes para a leitura das experiências vividas, por outro não resistem à força de outros mecanismos interpretativos já consolidados e devem conviver com categorias plenas de significado que atuam conjuntamente na leitura deste passado (Guedes 2014, 245).

Daí, os vários procedimentos, em diversas atividades acompanhadas, pelos quais os agentes gerontológicos enfatizam, nos debates com as idosas, a sua visão sobre o "lugar" da mulher na "família conjugal brasileira", ao mesmo tempo em que buscam empreender a recomposição coletiva do seu passado, bem como reproduzir, em certos contextos, as suas condições de "subordinação, dominação e opressão", redefinindo suas relações sem deixar de ser definidos por elas.

Nesse sentido, os resultados desta pesquisa também apontam para a necessidade de práticas de promoção da saúde e de cuidado integral à pessoa idosa que considerem os sistemas simbólicos, as trajetórias de vida e os valores morais mobilizados pelos próprios sujeitos atendidos. A análise etnográfica demonstrou que intervenções gerontológicas centradas exclusivamente em modelos normativos de envelhecimento ativo podem produzir tensões quando desconsideram os significados culturalmente atribuídos pelas idosas às suas experiências familiares, conjugais e biográficas. Assim, o cuidado integral à população idosa demanda não apenas ações voltadas à participação social e à garantia de direitos, mas também um olhar e uma escuta atenta às formas pelas quais essas mulheres interpretam suas histórias de vida, seus vínculos afetivos e seus modos de envelhecer.

Referências

Alvarenga, Maria C. 2001. Participação e cidadania: uma estratégia possível: a experiência no Programa UFF-Espaço Avançado. Especialização em Gerontologia e Geriatria Interdisciplinar, Universidade Federal Fluminense.

Barros, Myriam M. L. 2013. Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas. *Cadernos Adenauer* 14 (3): 125–43. https://https://tinyurl.com/4y6k9ep7

Barros, Myriam M. L. 2006. Velhice ou *terceira idade? estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. FGV.

Becker, Howard. 1994. A História de vida e o mosaico científico. In métodos de pesquisa em ciências sociais, organizado por Howard Becker. Hucitec

Berger, Peter L., e Luckmann, Thomas. 1998. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.

Bourdieu, Pierre. 1996. A ilusão biográfica. In *usos e abusos da história oral*, organizado por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. FGV.

Michelat, Guy. 1982. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*, organizado por Michel Thiollent. Pólis.

Paz, Serafim Fortes. 1999. Os programas sociais no processo de exclusão x participação social. In Violência e exclusão social, organizado por Cecília Maria Bouças Coimbra. Série Estudos e Pesquisas 5. Eduff.

Salem, Tania. 1981. Mulheres faveladas: com a venda nos olhos. Zahar.

Santos, Felipe D. 2004. A reconstrução social da memória e os limites para a viabilização da cidadania nas agências gerontológicas. In *Anais da 24ª Reunião Brasileira de Antropologia*, organizado por Associação Brasileira de Antropologia. ABA.

Santos, Felipe D. 2001. As *Releituras das Histórias de Vida e sua Transformação em Experiência Coletiva. Bacharelado* em Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense.

Santos, Felipe D. 2008. Família e *Redes de Parentesco em uma Política da Velhice: Análise de um Programa Governamental de Gestão do Envelhecimento*. Dissertação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense.

Santos, Felipe D. 2014. Reinventando a família na república dos idosos. *Anuário Antropológico* 39 (1): 151–68. https://doi.org/10.4000/aa.668.

Sarti, Cynthia Andersen. 1996. A Família como Espelho: Um Estudo sobre a Moral dos Pobres. Autores Associados.

Velho, Gilberto. 1994. Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas. Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas, organizado por Gilberto Velho. Jorge Zahar.

Velho, Gilberto, e Karina Kuschnir. 1996. Mediação e Metamorfose. *Mana: Estudos de Antropologia Social* 2 (1): 97–108. https://tinyurl.com/ywcwj3vk

Woortmann, Klaus. 2018. Casa e família operária. *Anuário Antropológico* 5 (1): 119–50. https://tinyurl.com/46tph7j6

Felipe Domingues dos Santos

Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ) e mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Largo São Francisco de Paula, 1

Centro, 20051-070

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Disponibilidade de dados

Não se aplica.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Como citar este artigo

Santos, Felipe Domingues dos. s.d. "As histórias De Vida E a construção Social Da Velhice Em Uma Agência gerontológica: Um Estudo etnográfico". Civitas: Revista De Ciências Sociais, e46045. Acesso em 10º de novembro de 2026. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2026.1.46045.

Editoras da revista

Fernanda Bittencourt Ribeiro

Teresa Cristina Schneider Marques

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.